

RELAÇÃO DOS FESTEJOS, QUE FIZERAM OS PORTUGUESES RESIDENTES NA VILA DO RIO GRANDE DO SUL, EM DEMONSTRAÇÃO DE SEU JUBILO PELO RESTABELECIMENTO DA PAZ, E DA LIBERDADE NA SUA PÁTRIA.

*Vila do Rio Grande do Sul 1834. Tipografia de F.X.F.*

Os Portuguezes residentes na Vila de São Pedro do Rio Grande do Sul, ao receberem a fausta notícia de ter felizmente terminado a luta heróica e porfiada dos Portuguezes livres contra o Tirano, e seus sequazes, acompanhados do Vice-Cônsul de sua Nação determinaram dar um jantar, e um esplêndido baile em demonstração de seu jubilo e entusiasmo por tão felizes acontecimentos, o jantar no dia 24 de Agosto. Aniversário daquele em que na incomparável cidade do Porto se levantou o grito, que despertou na Nação Portuguesa sentimento de seus direitos, dignidade, e glória, e da necessidade de uma nova organização social segundo as formas representativas; e o baile no dia 25 do mesmo mês, sendo depois adiado para o dia 26 por causa do mal tempo. Para o jantar foram convidados os Srs. Juiz de Direito Municipal, dos órfãos, os oito Juizes de Paz ajuramentados, Presidente, e Vereadores da Câmara Municipal, Comandante dos Municipais Permanentes, Chefes das Estações Fiscaes, Párocos, e geralmente todas as pessoas investidas de autoridade publica; e em assim todos os Agentes Consulares; e foram igualmente convidados todos os Portuguezes residentes nas Vilas de São Jose do Norte, e de São Francisco de Paula: para o baile convidaram-se as famílias Brasileiras e Estrangeiras das três Vilas, e suas imediações. No dia passado e hora designada, tendo não obstante o mal tempo concorrido grande número de convidados, foi o jantar anunciado por uma girândola de fogo, e uma salva de morteiros.

Servida a mesa convenientemente, em tempo oportuno foi pelo Vice-Cônsul Português, o Sr. Manoel Jose Barreiros, proposto o primeiro brinde á Nação Brasileira, Livre e Independente, o qual foi respondido por todos com o mais rivo entusiasmo, acompanhado do Hino Brasileiro, executado por uma excelente banda de Musica, para esse fim preparada, e foi também anunciado ao Publico por uma salva de morteiros. Seguiu-se o segundo brinde ao Sr. D. Pedro II., Imperador Cônsul-Nacional do Brasil, proposto pelo mesmo Vice-Cônsul Português, e acompanhado de iguais demonstrações.

Os Srs. Antonio Jose Affonso Guimarães, e Manoel Gomes da Silva, vereadores da Câmara Municipal, Porfírio Ferreira Nunes, comandante da Guarda Nacional e Carlos Antonio da Silva Soares, official da mesma guarda, e Promotor Publico, propuseram incisivamente brindes aos Portuguezes livres da opressão, aos seus libertadores, e outros no mesmo sentido, que todos foram geralmente applaudidos, assim como os que logo propôs o Vice-Cônsul Português a Nação Portuguesa livre e Independente, a Sra. D. Maria II, Rainha Constitucional de Portugal, e as Nações cujos Agentes consulares estavam presentes, ou cidadãos que os suprissem. O Sr. Agostinho Brue, Negociante Frances, preponderando sucintamente a necessidade da harmonia entre as Nações livres e industriosas, propôs em seguida o brinde a amizade perpetua de todas as Nações livres da Europa e América.

O Bacharel Jose Marcellino da Rocha Cabral, uma das vitimas da perseguição, que se evadira de uma hórrida masmorra para estas praias hospitaleiras, depois de um sucinto, mas enérgico discurso em que memorou a tendência, e movimento irresistível do espirito humano para a Liberdade, e para a Civilização de todos os Povos da terra: e pouco depois, fazendo precedentemente a animada exposição dos justificados motivos que operarão a separação da Grande Família Portuguesa acima dos prejuizos vulgares, os recíprocos interesses políticos, e industriais do Portugal e do Brasil, as suas mutuas e gloriosas recordações históricas; as suas particulares e fortes simpatias, sobre tudo

depois do triunfo da Liberdade Portuguesa; e a necessidade de extirpar todo o germen de dissensão, e miseráveis vivalidades entre estas duas Nações; assim como de apertar, quanto for possível, entre Brasileiros e Portugueses os vínculos da amizade e fraternidade, propôs um novo brinde a perpetua e nunca perturbada amizade e fraternidade das duas grandes Nações Brasileiras e Portuguesa, Livre e Independentes. Seguiram-se outros brindes, todos a objetos Liberais, e todos repetidos com o mais pronunciado entusiasmo, e acompanhados do Hino Brasileiro, ou Português, segundo os objetos a que estão destinados.

Findas as cobertas do jantar, foram os convidados conduzidos a sala do “desser”, que era servido com suntuosidade, variedade, e gosto, sobre uma mesa de figura elíptica (emblema da perfeição e igualdade relativas, como o círculo o “e” da perfeição e igualdade absolutas), a qual tinha mais de cem palmos de circunferência, e era formada de duas partes em figura de ferraduras, as quais separadas deixavam livre passagem para o interior. No centro, mas com separação e espaço para poder passar-se em roda, sobre degraus, cujos ângulos eram voltados para as extremidades e aberturas laterais da mesa, e figuraram ser de mármore branco com veios azuis, era elevado em pedestal de que saía a Arvore da Liberdade, figurada por uma copada e frondosa laranjeira. Ao ultimo degrau do pedestal era encostado de uma parte um quadro com a pauta das linhas do Porto, e abaixo esta inscrição:

Eis as linhas do Porto triunfante  
Da força, do terror, da ousadia;  
- Aqui (dirá pasmando o viajante)  
- Se deu o golpe mortal na tirania!!!

Na fase seguinte liam-se em um quadro os dois seguintes versos à memória dos dois primeiros Generais Libertadores da Pátria:

Villa Flor! Saldanha! A Vossa gloria  
Eterna brilhará na Lusa história!!

No lado oposto lia-se em outro quadro em honra ao exímio Diplomata, que tão sabidamente conduziu a empresa pelos meios da política, o seguinte dístico:

Palmella, qual nauta experimentado,  
Dos escólios salvou a Nau do Estado!!

Na ultima face do degrau aparecia a perspectiva da Ilha terceira com esta inscrição:

E’ esta a Terceira, Ilha afamada,  
Que as plantas não calcarão do tirano;  
Daqui saio mais pura, acrisolada,  
A gloria do Nome Lusitano!!!

Os intervalos entre os numerosos vasos de flores, e luzes, que ornavam, e iluminavam a base do pedestal, eram ocupados por pequenos quadros em que se liam as datas, e lugares mais famosos da história da regeneração, e da restauração da Liberdade Portuguesa. Nos quatros ângulos do pedestal viam-se quatro estatuas, figurando as quatro antigas partes do Globo, sustentando cada uma sua legenda, expressiva do

sentimento que lhe inspirava aquele grande triunfo liberal. A América exprimia o seu jubilo, e justificado orgulho pelos seguintes versos:

Esta Planta dos lusos tão prezada  
Do Rico Solo meu foi transplantada.

A Europa enunciava suas seguras esperanças de ser toda livre, e a influencia do triunfo da Liberdade Portuguesa nos destinos das Nações Européias, d'esta maneira:

Toda livre serei de vis tiranos  
Pois que livres são já os Lusitanos.

A Ásia, acordando do seu sonho letárgico, dava um sinal de vida social com a seguinte expressão:

O despotismo vil, que me entorpece,  
Ao aspecto de Lísia estremece!

A África, sentindo o seu aviltamento, mas nem por isso indiferente á Regeneração Portuguesa, enunciava a impressão, que lhe fizera aquele glorioso exemplo, da seguinte maneira:

Até no peito meu reflete a chama,  
Que o nobre Povo Luso tanto inflama!

Nos espaços entre os cantos do pedestal era de uma parte colocado um mecanismo, em cima da qual se via, em volto, uma figura, que representava o gênio da Lusitana, guardando um reservatório do sangue Português derramado na luta contra a tirania, e regulando uma lica do mesmo sangue, que com a mais perfeita ilusão parecia correr, e sumir-se para o pé da Arvore da Liberdade. Abaixo deste emblema, na face do pedestal, liam-se os seguintes versos:

Debalde intenta despotismo insano  
A Arvore arrancar da Liberdade,  
Regada com o sangue Lusitano  
Froncosa durará na eternidade.

Seguia-se no outro intervalo do pedestal a efigie da Rainha D. Maria II., e abaixo esta inscrição:

Gloria, e ventura o teu reinado  
Dará, Rainha Excelsa, á Lísia aflita;  
O Poder que nas leis He cimentado  
E' segurança dos Reis, do Povo é dita.

No intervalo seguinte era elevado em um bastão o barrete da Liberdade, sobre um apectro<sup>1</sup> de prata, e a Constituição da Monarquia Portuguesa, significando que os Portugueses querem a Liberdade, não licenciosa, mas regrada segundo aquele Código

---

<sup>1</sup> Nau inglesa?

Fundamental, e forma de Governo adotada pela Nação. Correspondia-lhe no pedestal outra inscrição, ao mesmo tempo explicativa do objeto dos festejos, desta maneira:

Com jubilo festival solenizar  
Os nobres feitos seus, foi dos Romanos;  
O nosso assunto é maior, é celebrar  
O triunfo liberal dos lusitanos.

Ultimamente no intervalo restante eram colocadas as Armas da Nação Portuguesa circundadas de ramos de louro; e abaixo, na face correspondente do pedestal, lia-se a seguinte inscrição:

As Lusitanas Quinas, tão famosa  
Por feitos mais que humanos n'outra idade,  
Ressurgem mais ilustres, gloriosas,  
Inscritas no Pendão da Liberdade!

Do centro da árvore saía em todos os sentidos um intenso clarão, formado por um sistema de revérberos, para significar que a Liberdade se alimenta da ilustração, e ao mesmo tempo a difunde em todos os Povos da Terra. Dos ramos pendiam numerosas laranjas interiormente iluminadas, em cada uma das quais se lia uma palavra significativa de alguns dos frutos, ou resultados da Liberdade, = Ciências, Belas Artes, Civilização, Riqueza, Poder, Grandeza, Prosperidade, Agricultura, Comércio, Artes, Navegação, Melhoramentos, Segurança, Moral, Sentimentos, Costumes, Patriotismo, Virtudes, Heroísmo, etc, etc. Tais eram os frutos da Arvore da Liberdade, que terminavam, e completavam a alegoria, deleitando ao mesmo tempo a vista, e a imaginação. O momento em que os convidados foram introduzidos neste lugar, era capaz de compensar todos os horrores, e sofrimentos de uma aturada perseguição, e provou o poder mágico da Liberdade para excitar os sentimentos mais elevados, e as mais fortes emoções nas almas que não foram degradadas pelo servilismo. Dando-se mais alimento aos espíritos, do que sensações ao paladar, desenvolveu-se um entusiasmo superior a expressão. Novos brindes, novas saudações se ouviram de todas as partes, e todos á objetos dignos do homem livre, e das Nações Cultas. Então o mesmo Bacharel, Jose Marcellino da Rocha Cabral fez a sumária exposição do amor da Liberdade, da Constancia, do esforço, e do valor dos Portugueses, que vendo a Pátria escravizada por uma execranda traição, conceberão o audacioso e heróico projeto de libertá-la; para esse nobre fim se reuniram e um ponto no meio do oceano, e ali contrariados pelos elementos, e pela política então retrógada e tirânica de todos os gabinetes da Europa(a ponto de verem d'aquela asilo do infortúnio e do heroísmo alguns de seus companheiros hostilizados, e vedados de desembarcarem pelas forças navais da primeira Nação Marítima) sem recursos, bloqueados, cercados de um arquipélago inimigo, ameaçados, e atacados por formidáveis forças do tirano, não só não sucumbiram, nem desesperarão da salvação da Pátria, mas guardaram ileso a Liberdade, e a Honra Nacional; aniquilaram a expedição do déspota; libertarão os Açores; foram com a diminuta força de 7500 homens acometer o monstro no continente, senhor de todas as forças sociais, sustentado por mais de 80 ou 100 mil homens armados, e fanatizados, cercado do terror, e tendo os amigos da Liberdade, que não foram sacrificados nos cadafalsos, agrilhoados em masmorras, ou dispersos, e relegados; que superando todas estas dificuldades, depois da mais sanguinolenta e porfiada luta de quase dois anos, a braços com forças dezenas de vezes superiores, com

a peste, e com a miséria, aniquilaram por fim o poder de usurpador, e restauraram a Monarquia, e a Liberdade Constitucional! Feita esta resumida mas verdadeira exposição, propôs o ultimo brinde aos Portugueses, que formaram a Monarquia Constitucional com feitos dignos dos mais belos e gloriosos tempos da Nação Portuguesa, e que não são excedidos por quantos aparecem na História do Gênero Humano; brinde que foi acolhido e repetido por todos com o mais vivo indizível entusiasmo.

Este Estado de verdadeiro êxtase durou até depois das 9 horas da noite, que os convidados se retiraram cheios de satisfação, e deixando não menos satisfeitos, e reconhecidos os Portugueses livres, e dignos da Liberdade.

\*\*\*

No dia 26 teve lugar o baile, no mesmo edificio em uma espaçosa sala magnificamente iluminada, e mobiliada, e cujo pé direito tinha sido de propósito forrado, e pintado com as cores Nacionais Portuguesas. A muita chuva não embarçou a concorrência de numerosas Famílias Brasileiras, e Estrangeiras, desejosas de partilharem o entusiasmo, e evasão de sentimentos liberais, que se manifestaram na primeira função; sendo sobre tudo notável o grande numero de Sras. Que concorrerão, todas vestidas e ornadas com o maior alinhamento, decência e gosto.

Chegado o momento da abertura do baile, foi pelos Mestres-Salas distribuído às Sras., e homens o Hino, que se segue esta relação, feito e impresso de propósito para o festejo; e executado por um excelente concerto de música sobre um magnífico coreto levantado no fundo da sala e acompanhado por todos em côro com vivo entusiasmo. Terminado o Hino, o Vice Cônsul Português levantou vivas à Nação Brasileira Livre e Independente, ao Sr. D. Pedro 2º, Imperador Constitucional do Brasil, à Nação Portuguesa Livre e independente, à Sra. D. Maria 2º, Rainha Constitucional de Portugal; e aos Heróis Libertadores da Nação Portuguesa; os quais foram repetidos por todos com o mais subido entusiasmo. Então a Sra. D. Delfina Benigna da Cunha, Brasileira, e Rio-Grandense, e já por suas produções poéticas bem conhecidas no Parnaso Brasileiro<sup>2</sup>, recitou os três excelentes Sonetos, que também vão adiante publicados. Seguiu-se o Hino Brasileiro, que foi repetidos com igual entusiasmo, e seguido aos vivas, que levantou o mesmo Vice-Cônsul Português aos Poderes Políticos do Brasil, a Liberdade do Brasil, e a Liberdade de todos os Povos da Terra. O Sr. Antonio Joaquim da Silva Mariante, Cidadão, e Patriota Brasileiro, com o mais pronunciado entusiasmo levantou vivas a consolidação da Liberdade Portuguesa, e as vítimas da tirania, que vindo procurar asilo no solo Brasileiro simpatizarão com suas Instituições e progressos Liberais; vivas que foram retribuídos por um emigrado com outros a Nação Liberal, e Hospitaleira, que tão generosamente nos acolheu, e aos dignos Cidadãos Brasileiros que simpatizarão com a virtude, e patriotismo perseguido pela tirania. Depois d'esta correspondência de exaltado, e geral entusiasmo abriu-se o baile por uma contradança de 20 pares primorosamente executada; e terminada ela, foi franqueada para toda a noite a sala do deserto precedente jantar, mas de novo servido com o mesmo gosto e magnificência. Não é possível descrever-se a curiosidade e o vivo interesse com que Sras. e homens a porfia entrarão a observar os interessantes objetos, que simbolizavam um grande triunfo liberal; e menos as doces emoções, e a efusão dos mais vivos sentimentos patrióticos e liberais que sucederam a curiosidade.

---

<sup>2</sup> Poesias. In: BARBOSA, Januário da Cunha. *Parnaso brasileiro ou collecção das melhores poesias dos poetas do Brasil, tanto inéditas, como já impressas*. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1831.

Em toda a circunferência da mesa e emblemas, soavam os brindes, e os vivas à Liberdade, e aos Heróis que sustentarão os Brasileiros, os Portugueses, e os outros Estrangeiros, de diferentes Nações, patenteavam sem distinção esta cordialidade, esta pura satisfação que só podem inspirar os elevados sentimentos do Patriotismo e do amor da Liberdade. Nesta ocasião a Poetisa Rio-Grandense glosou a quadra inscrita no pedestal – Debalde intento despotismo insano, - nas quatro oitavas que adiante se lerão, e que provão ao mesmo tempo, que o gênio, e o vigoroso sentimento do amor da Liberdade são um dom exclusivo sexo mais forte. Depois glosou também, nas quatro décimas que igualmente vão adiante publicadas.

Voltando as Senhoras, e convidados à sala do baile, sucessivamente foram executadas diferentes danças, só interrompidas pela música oral de algumas Senhoras, que cantaram ao piano; mas este interessante entretenimento não ocupou tão exclusivamente as atenções, que o lugar onde se viam os emblemas da Liberdade não fosse constantemente freqüentado por grande número de pessoas, que não se saciavam de contemplar, já o preço que custa aquela Arvore preciosa, já a riqueza e mais subido valor de seus frutos, já finalmente a gloria dos Heróis, que com tantos sacrificios a salvaram dos embates e golpes do mais feroz tiranos; e os lugares e dias gloriosos, em que os Liberais Portugueses colheram os louros, que nem o tempo, nem a morte fará murchar. Assim se passou esta noite deliciosa, terminando o baile depois das 6 horas da manhã por uma contradança de 16 pares, seguida do Hino da Rainha Constitucional, e separando-se as famílias, e convidados, como a seu pesar, deste lugar, em que o pensamento, a imaginação e os sentidos simultaneamente gozaram a mais viva, e pura satisfação.

Contemplem os déspotas, e os vis escravos que os sustentam, esta fiel mais incompleta descrição de um patriótico festejo de Cidadãos, que se achavam a duas mil léguas da sua Pátria: conheça a força do entusiasmo Liberal, que nem as perseguições, nem a ferocidade, nem a extensão do Oceano podem enfraquecer; comparem com esta festa sentimental as suas pompas triunfais, que só fazem gemer a Humanidade; vejam as simpatias, que os trunfos da Liberdade despertam em todos os Povos, em todos os climas, e em todas as Regiões do Globo; e desistam de seus projetos tirânicos, como de uma quimera no século da ilustração: ou aliás a época chegará, em que hão de baquear de seus tronos vacilantes, só firmados na ignorância, na miséria, e na opressão, as quais brevemente há de por termo o progressivo e irresistível movimento do espírito Humano.

\*\*\*

### Hino Liberal

Lísia, que out'ora foi grande  
Em virtude, é valentia,  
Hoje é maior, mais famosa,  
Debelando a Tirania

Exultai, à Lusitanos,  
Já livres sois da opressão:  
Vossos pulsos já não cingem  
Os ferros da escravidão

Por esforço sobre humano,  
Sucumbiu o despotismo:

Gloria seja tributada  
Ao Lusitano Heroísmo

Exultai etc:

Debalde o pérfido insiste  
Na cruel ferocidade,  
Dissipa as trevas do crime  
O clarão da Liberdade.

Exultai etc.

Mais que exílios, cadafalsos,  
Inventos da iniquidade,  
Pôde em peitos valorosos  
Sacro amor da Liberdade.

Exultai etc...

Não valeu contra a razão  
Da tirania o poder;  
Por que os Lusos jurarão  
Cu triunfar, ou morrer

Exultai etc.

Como o sol, q' d'entre as nuvens  
Sai mais claro, e radiante;  
Assim surge a Liberdade,  
Da opressão, triunfante.

Exultai, ó Lusitanos,  
Já livres sois da opressão,  
Vossos pulsos já cingem  
Os ferros da escravidão

Ímpia, execranda facção,  
Já teu império expirou!  
A aurora da Liberdade  
Na Lusa Pátria raiou!

Exultai etc.

Brasileiros, que dos déspotas  
Abominais a maldade,  
Alegrai-vos: um triunfo  
Conta mais a Liberdade.

Exultai etc.

Entre Lísia e o Brasil,  
Reinará sempre harmonia:  
Ambas protestam fazer  
Dura guerra á Tirania

Exultai etc.

Povos oprimidos, que os ferros  
Inda arrastais dos Tiranos,  
A ser livres, a ser homens,  
Aprendeis dos Lusitanos!

Exultai etc.

\*

## SONETOS

Nebulosos tempos de terror d'espantos!  
Parabéns, ó mortais, já são passados;  
Da Lusa gente os feitos sublimados  
Cantar quisera mais não posso tanto.

Banhando as faces de prazer em pranto  
Os Lusos vejo todas transportados,  
Dirigindo mil votos inflamados  
Ao puro, ao justo Céu, sereno, e santo.

O Português renome hoje revive;  
Triunfou a razão, a Liberdade,  
Ninguém ó Lísia de seus bens deprive.

Das trevas dissipou-se a densidade;  
Mais e mais em teu seio a luz se ative;  
Não triunfe de ti a iniquidade.

\*

Maria Excelsa! Se a palavra – Glória –  
Foi ao teu nome desde a infância unida,  
Não podia ó Rainha Esclarecida,  
Negar-te o Céu, que é justo, alta vitória.

Com pasmo se há-de ler na Lusa história,  
Por famosas ações enobrecida,  
O teu nome imortal, e a parca infida  
Não tentará cortar vida Nestória.

Ao ver-te, ó Diva, o bárbaro recua,



Não ousa executar terríveis planos,  
O teu valor destrói a força crua.

Por glória sem par dos Lusitanos,  
Por honra imortal da Pátria tua,  
Os teus feitos serão mais do que humanos.

\*

Cintila o facho da Razão Celeste  
Marulha o Tejo, o Douro, O Guadiana;  
Alvoroça-se a gente Lusitana,  
E de ingente heroísmo se reveste,

Ao fim, ó Lísia, triunfar pudeste  
Da opressão mais cruel, e mais Tirana;  
Ao traves dos perigos sempre ufana  
A gloria antiga reviver fizeste

Alvorou-se o pendão penhor sagrado,  
Que aos Povos traz feliz tranquilidade,  
E o ferro sceptro foi despedaçado,

Ergue-se um novo altar à sã verdade,  
Ordem por destra mão está gravado  
= PATRIA, CONSTITUIÇÃO, E LIBERDADE =

\*

Debalde intenta o despotismo insano  
A Arvore arrancar da Liberdade;  
Regada como sangue Lusitano  
Froncosa durara na Eternidade.

Lísia, Pátria d'heroes, exulta canta,  
Ao brilhante clarão, que te ilumina;  
O nobre esforço teu ao Mundo espanta,  
E com olhos atentos te examina.  
Ressurgiu a verdade sacrossanta,  
O erro, a fraude vil não a domina;  
Subjugai-a de novo ao seu engano,  
Debalde intenta o despotismo insano.

Ouviu o Douro o grito insinuante,  
Que a Livre Nação Lusa articulava;  
Da Liberdade a Planta vicejante  
Na Terra fecundar principiava,  
Contra Ela ímpio monstro devorante,

Com indomável fúria se arrojava;  
Mas em vão pretendeu sua maldade  
A Árvore arrancar da Liberdade.

Planta, Planta querida eu te saúdo,  
E lá, bem como aqui, prospera e cresce,  
Longe de ti Boreas carrancudo  
Do despotismo audaz que te murchasse;  
A' vista de teus ramos fique mudo  
Aquele que teus frutos desconhece;  
Não sejas mais por mãos d'ímpio Tirano  
Regada com o sangue Lusitano

Eis, ó Lusos, por mão do Onipotente  
Arraigada na Terra a planta amena;  
Para estender seus ramos docemente  
Toda a extensão do Globo acha pequena.  
O Tejo ovante em límpida corrente  
Arrega com a linfa mais serena;  
E esta Arvore tão precisa a Humanidade  
Frandosa durará na Eternidade

Debalde o tirano insiste  
NA cruel ferocidade,  
Dissipa as trevas do crime  
O Clarão da Liberdade

Lísia sofreu com bem custo  
O mais atroz despotismo;  
Porem com nobre heroísmo  
Debelou o monstro injusto:  
Livre do pálido susto  
Agora tranqüila existe,  
Heróica e firme persiste  
No sistema liberal;  
E no projeto infernal  
Debalde o tirano insiste

Já não é infausta presa  
Lísia do ímpio miguel;  
Desse ente o mais cruel  
Que desonra a natureza.

\*

Do Tirano tigre a fereza  
A sua igualar não há de;  
A voz da doce piedade  
Ao coração não lhe fala;  
Um leão não o iguala

Na cruel ferocidade.

Por toda a parte espalhando  
A morte, a desolação,  
Parecia que a Razão  
Ia-se em Lísia apagando;  
Mas jove seu braço alçando  
Contra quem o Povo oprime,  
O terror da morte imprime  
No coração do traidor,  
E da razão o fulgor  
Dissipa as trevas do crime

Foje o monstro exasperado,  
Os Lusos em paz deixando;  
E leva ódio nefando  
Dentro em seu peito abafado;  
Já então tinha raiado  
A pulera luz da verdade;  
Desopressão a Humanidade  
Mil votos dirige ao Céu  
Pois rompem do erro o véu  
O clarão da Liberdade

**RIO GRANDE – TYPOGRAFIA DE F.X.F. 1834**